BRASIL DE MÁSCARAS

CRÔNICAS

TIAGO PENA.

LUISE BATILIERE.

ALBERTO A. LISPECTOR.

CRÔNICAS 2021.

NOTA.

Brasil de máscaras é um trabalho diferenciado dos anteriores. As crônicas que compõe o livro estão divididas em três vertentes distintas.

As escritas pelo pseudo-heterônimo do autor, Luise Batiliere. As escritas pelo pseudo-heterônimo Alberto de Andrade Lispector, e as que trazem o nome do autor.

Em cada conjunto de crônicas, temas e assuntos diferentes são trabalhados. Luise é o tipo catastrofista, melancólica, livre, com os seus textos mais voltados para o absurdo, a revolta, o caos, a sátira mórbida. As crônicas do Alberto são de cunho político, comenta sem se aprofundar muito em temas do cenário público Federal entre outros.

As crônicas com o nome do autor são livres, na maioria das vezes, crônicas do cotidiano de cada um.

O título do livro ficou por conta da Luise. Esse foi o primeiro trabalho em prosa onde o autor conclama os seus pseudo-heterônimos a participarem de um projeto totalmente em prosa. Neste livro, todas as vozes do autor ganha o seu espaço.

Sumário

UM CORAÇÃO QUE SANGRA. 8

BRASIL DE MÁSCARAS. 11

É PRECISO ESCOLHER BEM. 14

QUEM SÃO ESSES MONSTROS? 17

PRUDENTE OU INSENSATO? 20

UMA VISITA NADA COMUM. 23

CONFERÊNCIA DOS ANIMAIS. 26

NEM TUDO É BELEZA. 29

A MERCÊ DA SORTE. 32

O IMPÉRIO DO CAOS. 35

ROTINAS DO DIA A DIA. 37

CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS. 40

A MORTE É A ÚNICA CERTEZA DA VIDA. 42

DIAS DE ISOLAMENTO. 45

DIREITA OU ESQUERDA? 48

CHEIRO DE MORTE. 51

ROTINAS NECESSÁRIAS. 54

COLÍRIO PARA OS OLHOS. 57

RECORDAÇÕES. 60

A MINHA VONTADE É ESCREVER. 63
REINO ENCANTADO. 66
VIGILANTE DA NOITE. 69
O CICLO DA VIDA. 72
MUNDO POLÍTICO. 75
SEM AMARRAS. 78
DIAS COMUNS... 81
O JOÃO DE BARRO. 84
A MORTE DO RATO. 86
DESEJOS LITERÁRIOS. 89
LUGAR NENHUM. 92
ILUSÕES PERDIDAS. 95
AMOR LITERÁRIO. 98
QUERO RESULTADOS E NÃO ENROLAÇÃO. 101
SUSSURRO DO PECADO. 104
VAMOS FALAR DE LITERATURA. 108
LUZ NO FIM DO TÚNEL? 111
ALIENÍGENAS. 114
NÃO SEI... 117
O QUE FAZER? 120
O INESPERADO É SEMPRE BOM. 123
NOVO EMPREGO. 126
TODO DIA É A MESMA COISA. 129

NA ÚLTIMA CURVA DA ESTRADA ESTAVA VOCÊ. 133
BUSCANDO O EQUILÍBRIO. 136
DANDO ASAS A IMAGINAÇÃO. 139
A DECISÃO É SUA. 142
ESCONDIDO EM MEU SORRISO... 145
TEMPOS DE INCERTEZAS. 148
UMA SEMANA NADA AGRADÁVEL. 151
FIM DE ANO. 154
FIM DE ANO, FINALMENTE! 157
CAMINHO DA ILUMINAÇÃO. 160

UM CORAÇÃO QUE SANGRA.

Talvez esse texto não seja o mais agradável de ler — com certeza não chega a ser considerada crônica — Mas, se você, caríssimo leitor, chegou até aqui desavisadamente, ALERTA, CUIDADO, as palavras seguintes são pesadas, entretanto, se mesmo assim queres continuar, é por sua conta. Considere leituras mais agradáveis por aí para acalentar os olhos, ainda sim, se você deseja ser insistente, seja bem-vindo, vamos lá então. Saiba apenas que, as palavras que foram aqui apontadas são verdades e foi colhida a conta gota de um coração sangrando.

Não tenho esperanças, nunca houve em mim alegrias no ano que passou, nem no que se inicia. Tudo é ilusão, minha vida é uma farsa, a realidade que me cerca também é; foi no passado, é no presente, certamente será no futuro. A única coisa que me resta é a palavra não…

Não fui à amiga que muitos gostariam de ter, aliás, dói saber que não sou o tipo preferido de mulher, aquela a quem as pessoas escolheriam para tecer amizades…

Eu não fui o tipo de namorada desejada, quando namorei, a mulher com quem fiquei, percebeu em mim a pior das namoradas.

Sinceramente, eu não fui e nunca serei a mulher (perfeita), não que haja tipos perfeitos, mas, muito melhores do que estou sendo…

Não sou o tipo de colega de trabalho ideal, no mínimo tolerável, daquelas em que as pessoas suportam. Pensei que era alguma coisa para alguém, acordei para triste realidade de não ser nada para ninguém.

Percebem agora que a minha vida é feita de (não), aos montes, o tempo todo.

Nem ser escritora, que é o meu maior sonho, eu me tornei. A sensação que fica é de que sou, no bem da verdade, uma fracassada vestida com roupas de sucesso, (não… é atrevimento demais pensar assim). Penso estar vestida com roupas de uma bela dama, quando, na verdade, não passa de farrapos.

Na escola, em minhas escolhas, eram sempre as mesmas coisas, o traço predominante desta desqualificada na qual eu estava destinada a ser. Quase sem amigos verdadeiros, sem a mínima capacidade de construir amizades. Nunca, repito, nunca sai com as amigas para beber e farrear, não… Eu não tinha essa capacidade, o motivo é que eu sempre fui uma covarde.

Tive apenas uma namorada na adolescência, que, aliás, implorei a ela que ficasse comigo, eu tinha dezesseis, ela vinte. Fui traída por ela, por

eu ser essa notável fracassada. Namorei anos depois, não deu em nada.

Tive momentos bons, sim…

Tudo bem, eu sei… A vida não é bem isso, blá, blá… Eu poderia ter tentado… Sim. Eu poderia ter me esforçado… Verdadeiramente, mas, não deu.

A coisa é bem mais profunda, sabe, é um oceano profundo onde somente eu mesma posso ir. Não é a religião, ou a filosofia, ou seja, lá o que quiserem dizer… O abismo está dentro de mim, assim como estou dentro dele.

Essa é a fonte da minha literatura.

(L. B)

BRASIL DE MÁSCARAS.

Erguido entre o céu e a terra, o vento soprou-lhe na face. Quem foram aqueles que presenciaram o histórico momento? O desfigurado rosto perante a insana multidão mascarada, mãos perfuradas e trêmulas e o sangue correndo no madeiro cru. Estava ele ladeado de ladrões, cercado de rudes soldados. De quem eram os olhos que contemplaram tamanha dor? Pendurado, despido, coberto de grandes chagas. De quem eram as sandálias que pisaram o mesmo chão que o seu inocente sangue regou? Esmagado entre a agonia e a dor, condenado foi por ser o próprio amor. De quem era as mãos que deu aos seus machucados lábios o fel do amargor.

Erguido entre o céu e à terra, a rude coroa perfurando-lhe o crânio, sangue e suor a se misturar. Em sua mente, lembranças, de certa parábola, de um homem que assaltado foi, espancaram-no quase a desfalecer. Ali no chão ele sangrava, passava por ali um sacerdote com máscaras de santidade, fingiu não viu, passou também um levita com falsa bondade, fez a mesma coisa que o religioso, caído ele continuou. No mesmo lugar veio o samaritano, este trazia seu rosto cru, quebrando todos os protocolos, ajudou o homem que ali sangrava. Derramou-lhe azeite nas feridas, dele

cuidou como nenhum outro fez. Eram essas as lembranças que vieram à mente daquele que fora colocado na dolorosa cruz.

Erguido entre o céu e à terra, os ombros que em carne viva estavam, carregava o peso do pecado do mundo, inclusive daqueles olhos que sem piedade o acusavam. Quem eram aqueles que ali estavam? Não conhecemos os seus nomes, apenas sabemos de suas máscaras, das quais ainda hoje as utilizamos.

Erguido entre o céu e à terra, o seu olhar de amor contemplou aquele com falsa santidade, que se dizia sacerdote, no entanto, mostrava ao pé do madeiro sua verdadeira face.

Quem de fato o amou?

Erguido entre o céu e à terra, o seu olhar de misericórdia viu apenas um dos doze que escolheu, também contemplou a espada que transpassa o coração de sua doce mãe, Maria chorava copiosamente. Onde estavam aqueles que com tanta devoção o seguiram? O seu olhar não era de condenação; "Perdoa-lhes, pai, pois, não sabem o que fazem". Essas palavras ecoaram pelos séculos, porque os homens não continuam sabendo o que fazem. Diante do madeiro estávamos todos nós. Com nossas máscaras de mentira, que não refletem nossa verdadeira imagem.

Erguido entre o céu e à terra, pagou a nossa vida com a sua, enquanto trocamos alegremente nossas máscaras por outras ainda piores. Ousadamente dizemos que não as utilizamos — vejam

caríssimos leitores — vestimos uma verdade fantasiada, falamos palavras contrárias aos que está oculto no coração. Diante do eterno, praticamos esse teatro de sombras com tamanha maestria que assustariam atores renomados.

Erguido entre o céu e à terra, perfurado, sangue e água, é a fonte que lava os pecadores, que os livra dessas infernais máscaras, desse perigoso teatro das sombras. O ano iniciou e nada mudou e nem vai mudar. Que as palavras desta indigesta crônica nos faça refletir, de quem realmente somos quando deveríamos ser. São os olhos cegos destes líderes loucos a nos guiar para o abismo diário.

(T.P)

É PRECISO ESCOLHER BEM.

O centro da cidade está sempre lotado, mesmo com a pandemia, restrições, quarentena e todas as tentativas de frear as aglomerações. Todo mundo quer andar, quer comprar, quer comida, bebida, diversão e o que mais vier. Os números dessa cidade parecem caminhar em uma gangorra. Hora figura nas alturas, por outras, permanece linear, algumas vezes, desce a níveis bem duvidosos. Não consigo confiar plenamente nas estatísticas apresentadas, sempre duvidei.

A cidade é maravilhosa, e os seus dirigentes são capazes de tudo para fazer a vontade de todos, afinal, é ele, o povo, quem paga os seus gordos salários. Enquanto isso, pessoas são dizimadas silenciosamente em filas de hospitais.

A política é um caso à parte. Temos um novo prefeito com um corpo renovado de vereadores, alguns já são conhecidos do público, outros, estão estreando nesse universo tão complexo. Cobrar o prefeito ou julgar suas ações logo de início, penso eu, seria uma precipitação. Temos que lhe dar tempo para ele desenvolver e mostrar na prática o seu plano de governo. Temos que concordar que, na maioria das vezes, somos impulsionados por uma opinião da mídia desastrosa. Nem sempre ela está correta, por vezes, ou para não dizer em quase

todas, suas opiniões respondem a interesses um tanto distorcidos. Quando jornalista, eu procurava a imparcialidade, buscar apenas a verdade e nada mais, no entanto, essa minha atitude teve um alto preço, e não desejo falar sobre isso nessa crônica.

Respondemos a interesses de terceiros, de empresas, produtos. Somos o que consumimos, e por vezes, os objetos de nosso consumo acabam por nos definir. A sociedade não me parece interessada que lhe digam o que deve ou não fazer, pelo contrário, ela quer ser livre para fazer justamente o que lhe der na teia. Os ícones mostrados diariamente na mídia definem o comportamento geral. Estilo de músicas, roupas, gírias. Não se questiona, apenas obedece cegamente a certos padrões que vão se desenhando, e quem não estiver disposto a seguir as regras impostas pela ordem oculta vigente, não se enquadra no ideal social. Torna-se inapto, falastrão, louco, e tantas outras coisas. Mesmo que você queira fazer o que é correto, isso será visto como o pior dos atos. Temos muitos exemplos por aí.

Caminho pela cidade de máscaras, frasco de álcool em gel no bolso, evitar lugares aglomerados, ônibus, entretanto, como diz um amigo: "Algo de errado não está certo Alberto". Certamente que uma parcela considerada da população não está preocupada com o vírus, com as aglomerações, com os leitos de UTI lotados, com a demora da vacinação,

com nada, aliás. Enquanto uns se preocupam com a cerveja e o churrasco do fim de semana, outros estão mais ligados na opinião de presidentes e governadores. A política passou a ser a nova religião desse país, e como se não bastasse, com devotos nada ecléticos, tendenciosos a cegueira fanática.

Cada um é livre para fazer suas escolhas - não os critico, seja qual for o caminho que tomaram - Todavia, nenhum de nós será livres das consequências de nossas decisões. É preciso escolher bem.

(A.L)